

Fernando Prestes: confiança no futuro

Foi a grande quantidade de madeira que trouxe, em 1891, Leonel José Ferraz para a região onde hoje está a cidade de Fernando Prestes, local que ficou conhecido como "Matão do Leonel".

A exploração de madeira atraiu outros desbravadores e suas famílias, que com trabalho pesado transformaram a terra bruta em lavouras produtivas.

Em 1894 foi iniciada a primeira plantação de café. Nove anos depois, um serviço de trolés fazia o transporte das cargas das fazendas para uma espécie de entreposto, para facilitar o escoamento das mercadorias. Esta iniciativa levou ao surgimento do povoado. O comércio de café, madeira e arroz era intenso. As máquinas de beneficiamento de cereais se multiplicavam. Com a chegada da ferrovia, em 1909, o desenvolvimento foi acelerado e o nome de "Matão do Leonel" ficou na história. O povoado foi renomeado "Fernando Prestes", uma homenagem ao ex-Presidente do Estado de São Paulo, que entre outras coisas criou o Instituto Butantã. A emancipação política da cidade aconteceu em 1935.

A agricultura continua sendo o eixo de Fernando Prestes. São 665 propriedades rurais que produzem basicamente cana-de-açúcar e citrus. A variedade de frutas é grande. 20 empresas locais atuam na comercialização com o mercado externo. A cana-de-açúcar é cultura mais recente no município, e foi uma alternativa dos produtores aos problemas sanitários, como o amarelinho, e a instabilidade dos preços, estabelecidos por contratos de longo prazo atrelados ao dólar. Pequenas indústrias alimentícias utilizam parte da produção agrícola da cidade e da região: cebola, batata, alho e goiaba. Um novo distrito industrial está pronto, licenciado e há incentivos para atrair outras empresas para a cidade.

Fernando Prestes, com seus quase 6.000 habitantes, ficou conhecida nacionalmente no início de 2007 por conta de



Uma das obras recentes e orgulho da cidade, o portal de entrada

uma forte chuva que provocou o transbordamento do Ribeirão Mendes, que cruza a cidade, deixando um rastro de destruição. O Ribeirão subiu 5 metros do nível normal. A chuva praticamente destruiu as casas próximas ao Ribeirão, 74, que já estão sendo reconstruídas para abrigar os moradores em situação de risco. Foi um abalo para a infra-estrutura da cidade, que hoje é um verdadeiro canteiro de obras. A pavimentação está sendo refeita para voltar aos 100% de ruas asfaltadas. Para evitar novas inundações o Ribeirão dos Mendes começou a ser aprofundado e canalizado no mês de agosto. A obra também inclui a reconstrução das pontes danificadas.

O fornecimento de água não foi afetado. O lixo é coletado e depositado em aterro controlado. A rede de coleta de esgoto já é uma realidade, mas a estação de tratamento ainda está em construção



pela Sabesp.

Na área da saúde a cidade possui uma Unidade Básica de Saúde e um Posto, localizado no distrito de Agulha. Conta com 10 médicos e 4 dentistas para atender a população, e um ortodontista que atende crianças de 7 a 12 anos. Atuando na prevenção, a cidade dispõe ainda de duas equipes do Programa de Saúde da Família. Existe apenas dois consultórios médicos particulares na cidade.

Na educação municipal o ensino fundamental de 9 anos já está implantado há cerca de dois anos. Desde a educação infantil até a 8ª série do ensino fundamental é utilizada a metodologia de uma rede particular de ensino que fornece, além do material didático apostilado, treinamento mensal para os professores. O grande diferencial, segundo a Secretaria Municipal da Educação, é o número reduzido de alunos por classe, em média 20, e o atendimento psicológico para todos os alunos da rede. Para os 170 estudantes de nível universitário e técnico a prefeitura disponibiliza ônibus subsidiados para levá-los até outras cidades da região.

Duas festas tradicionais são esperadas com ansiedade pelos moradores locais e da região: uma é a quermesse em prol do Hospital do Câncer de Barretos, que acontece no mês de abril. Pioneira neste tipo de evento e há 16 anos destina verbas para o Hospital que atende todo o interior de São Paulo. A outra festa acontece em julho. É a Festa do Peão que leva artistas famosos para a arena de Fernando Prestes.

Mas a população quer diversão e cultura o ano inteiro, por isso a administração municipal reativará o cinema, fechado no ano passado. A reforma do prédio da década de 20 prevê a volta da fachada original e equipamentos modernos de projeção. Além disso, o cinema passará a ser usado também como teatro, centralizando os eventos culturais da cidade.



Acreditar e reinventar



A VIII FEACOOOP, Feira de Agonegócios da Coopercitrus, que aconteceu entre os dias 8 e 10 de agosto foi um sucesso. Recebeu 12 mil visitantes, mas as vendas são restritas aos cooperados. Os negócios realizados atingiram R\$ 162 milhões, 47% a mais que na edição anterior. Estes números, segundo o Presidente da Feira, João Pedro Matta, "mostram a disposição do produtor rural, principalmente o citricultor, em voltar a investir na vitoriosa missão do cooperativismo de se adaptar e reinventar".

A Coopercitrus, Cooperativa dos Cafeicultores e Citricultores de São Paulo, que completou 31 anos, tem 15 mil cooperados que plantam diferentes culturas, principalmente cana-de-açúcar e citrus. A cooperativa possui vários departamentos: assistência técnica, infra-estrutura e logística, insumos agrícolas e máquinas. Possui ainda 30 lojas e 11 concessionárias Valtra. Além disso, desde 1983 tem sua própria estrutura na área de crédito, a Credicitrus, que nasceu com a finalidade de prover assistência financeira aos seus cooperados em atividades específicas, e hoje é a maior Cooperativa de Crédito Rural da América Latina.

Sempre inovando em sua relação

com o cooperado, a Coopercitrus transformou as palestras que aconteciam no primeiro sábado de julho, para comemorar o dia do cooperativismo, em sua feira de agonegócios. Tímida há oito anos, hoje é agenda obrigatória na região. Nesta 8ª edição 180 empresas participaram, todas comercializando via cooperativa, o que garante preços competitivos e crédito facilitado. Além da exposição estática, demonstrações dinâmicas como: preparo do solo, tratamentos culturais, preparo de forrageiras e aplicação de insumos movimentaram a Feira.

João Pedro Matta lembra que a Feira conseguiu impor um modelo muito interessante: cada empresa entrega envelopes lacrados com os preços que vão praticar durante todo o evento. Neste ano, um defensivo para laranja que custa em média R\$ 32,00 o litro, foi comercializado a R\$ 25,00 na Feira. As empresas de máquinas também praticaram preços menores. Essa preocupação em oferecer o melhor para o cooperado resultou, segundo Matta, na adesão de cerca de 300 novos cooperados após o encerramento da exposição. "É uma maneira de atrair o produtor, de mostrar para ele as vantagens do cooperativismo", completou.

Atividades culturais e de educação ambiental também ocorreram. Cerca de 3 mil estudantes visitaram a VIII Feacoop. Um trabalho feito previamente apresentou a Coopercitrus e o cooperativismo aos alunos da rede pública, que confeccionaram trabalhos que foram expostos durante o evento.

No Espaço Ambiental os alunos receberam informações sobre a importância das Áreas de Preservação Permanente e matas remanescentes. Cada aluno recebeu uma muda de árvore ao sair da Feira. As informações recebidas foram prontamente assimiladas. As escolas se organizaram e vão plantar as mudas em uma APP na cidade de Bebedouro.

Todo ano a Feacoop homenageia uma personalidade. Neste ano foram duas, o Secretário Estadual da Agricultura, João Sampaio e o Secretário Estadual do Meio Ambiente, Xico Graziano. Para a Coopercitrus é a melhor maneira de reconhecer o trabalho que estas pessoas prestam em prol do agonegócio e do cooperativismo. São pessoas que já deixaram suas marcas no setor e deixam também na Feira. Eles plantaram árvores na estação experimental que sedia a exposição.



O Secretário Estadual da Agricultura e Conselheiro (licenciado) da ABAG/RP, João Sampaio, recebe homenagem na VIII Feacoop, observado por outro homenageado, Xico Graziano, Secretário Estadual do Meio Ambiente, pelo Presidente da Coopercitrus Leopoldo P. Uchôa, e por outros convidados

Brasil: um só Agronegócio

A escolha do tema: “Brasil: um só Agronegócio” para o 6º Congresso Brasileiro de Agribusiness, que aconteceu em São Paulo nos dias 27 e 28 de agosto, recebeu a solidariedade do Governador José Serra, presente à cerimônia de abertura. Segundo ele, a dicotomia criada em relação ao tema, da existência de antagonismo entre pequenos e grandes produtores, perpetua a visão distorcida que existe no Brasil: “Trata-se de uma só cadeia com problemas comuns, como a questão logística, a inexistência de dispositivos garantidores de preço, o câmbio, a falta de políticas públicas e a tributação”, detalhou o Governador, e complementou: “A agricultura cumpre o seu papel clássico de suprir de alimentos o país e ainda lidera as exportações. Sem ela o Brasil não estaria desfrutando o bom momento da economia mundial”.

Argumentação perfeita que remete ao 5º Congresso da ABAG, realizado em 2006, quando 15 propostas foram elaboradas por entidades representativas do agronegócio, elencando medidas necessárias e urgentes para o setor.

Doze meses depois e mais um Congresso para organizar, o óbvio seria cair na “mesmisse” das reivindicações que não foram atendidas, nem mesmo, no alardeado PAC, que passou ao largo do maior setor da economia brasileira. O que fazer então? A resposta foi buscar a união e lembrar da definição clássica do termo agronegócio: a soma de todos os



Ocimar Villela, José Berenguer Neto, Ricardo Young Silva, Roberto Waack, Mônica Bergamaschi e Adalberto Telles no painel de Sustentabilidade

segmentos. Um não existe sem o outro, independente da região e do porte.

“Não há outro caminho”, discursou Carlo Lovatelli, Presidente da ABAG, em sua fala de abertura: “É preciso melhorar a organização do setor privado, fortalecer as entidades de representação, participar mais, unificar os discursos, remar na mesma direção e investir na valorização da imagem do setor (...) Somos, infelizmente, desconhecidos ilustres do mundo urbano apesar de, vale refletir, sermos o pânico do mundo mal informado ou dos lobbies globais pelo continuísmo”.

A organização dos painéis do Congresso evidenciou a meta de buscar a melhor estratégia para não apenas “ser”, mas “parecer”.

O painel sobre Sustentabilidade foi um bom exemplo. Teve como palestrante o Presidente do Instituto Ethos, Ricardo Young Silva, que apresentou sua visão sobre os desafios da sustentabilidade para o agronegócio brasileiro, com afirmações fundamentadas em dados de fontes claramente antagônicas ao setor, sem comprovação técnica ou científica.

Os debatedores rebateram veementemente as colocações e falaram da importância em aproximar o Instituto Ethos, bem como outras ONGs, do setor produtivo e suas entidades de representação.

Young ouviu os debatedores e reconheceu que esta aproximação é necessária, e que a Responsabilidade Social pressupõe uma relação intersetorial e uma visão clara do que significa e de como construir a sustentabilidade.

Dois ex-ministros também foram palestrantes. Luiz Fernando Furlan, do Desenvolvimento Indústria e Comércio, falou sobre Investimentos em Produção e Comercialização. Furlan lembrou: “No governo a agenda estrategicamente importante perde para o urgente” (...) “Os setores interessados deveriam colocar pressão para serem contemplados”. Roberto Rodrigues, da Agricultura Pecuária e Abastecimento, falou sobre um de seus assuntos preferidos, o cooperativismo, doutrina que visa corrigir o social através

do econômico. Segundo ele, o cooperativismo carrega princípios e valores que o faz ressurgir neste século 21 como caminho seguro de representatividade e legitimidade.

A Agroenergia, vital para o mundo, foi o tema de um painel que discutiu desde a estratégia de uso e comercialização do etanol e do biodiesel, ao potencial da bioeletricidade e alcoolquímica, inovações tecnológicas etc.

A visão internacional deste agronegócio “único” teve entre os palestrantes o Professor de Política Agrícola da Universidade de Illinois, Robert Thompson, e o Diretor da Internacional Food Policy Research Institute – IFPRI – Ásia, o indiano Ashok Gulati.

O norte-americano mostrou sua preocupação com um corte definitivo nas negociações de Doha e com o recente posicionamento dos deputados americanos, segundo ele, optando pelo lado contrário ao estímulo à produção. Ashok Gulati, especialista em Ásia, enfatizou a rápida transformação dos costumes naquele continente, uma demonstração clara de que será o “prato” que vai dirigir o arado, o que significa oportunidade e, ao mesmo tempo, desafio para o agronegócio mundial. Hoje já se come mais ovos, peixes, carnes, leite, frutas e vegetais na China e na Índia. Neste dois países as propriedades são pequenas e já começam a focar uma agricultura de maior valor agregado, como a produção de frutas. Isto significa, segundo ele, que os outros países, Brasil inclusive, serão não apenas fornecedores de alimentos, mas de “terras” para a Ásia. Na Índia a taxa de crescimento de supermercados é de 50% ao ano. O problema é que o crescimento acontece apenas pós porteira. Nas fazendas não há crescimento. O grande desafio será conectar estes dois elos e a resposta pode estar nos “clusters”. O conceito de cluster, um termo mais abrangente que agronegócio, representa uma concentração de empresas e instituições que geram a capacidade de inovação e conhecimento, favorecendo a construção de vantagens

competitivas. São “cadeias de empatia”, que aos poucos substituem a cultura do antagonismo e da confrontação pelas de parcerias e cooperação.

No painel de encerramento, o economista Eduardo Giannetti enfatizou a oportunidade do tema escolhido para o Congresso com o momento da economia mundial, que vive um ciclo de crescimento desde 2002 e que se perpetua, impressionando pelo ritmo, duração e distribuição.

Neste novo ciclo a dependência mundial frente à economia americana diminuiu. A entrada da Ásia no comércio internacional e a recuperação da União Européia e Japão foram decisivos. Mas, segundo Giannetti, o crescimento do Brasil é desapontador em relação ao mundo, e continua encolhendo, apesar do desempenho excepcional do agronegócio brasileiro. O problema é que o Estado drena 40% do PIB para seus gastos cor-

rentes, e sobra pouco para investir. O agronegócio, por conta disso, tem lições a fazer e um caminho a seguir, o da união. Das armadilhas, as mais prementes são: fugir do obscurantismo tecnológico, diversificar as fontes de financiamento e buscar a sustentabilidade, uma obsessão mundial.

Ao final, a certeza do acerto na escolha do tema. O Brasil de um só agronegócio é a meta. A divisão interessa àqueles que, ideologicamente, alimentam as intrigas nacionais e internacionais. É imenso o risco pelo qual passa a competitividade brasileira por conta das novas barreiras que se delineiam nas negociações internacionais, ou pela falta delas. São novos desafios, que somados aos “velhos” e conhecidos problemas brasileiros, levam o agronegócio como um todo a um só discurso, uma só atitude, a de “fazer o que tem que ser feito”, ou perder o bonde da história.



Público de quase 700 pessoas lotou o auditório do 6º CBA



Homenagem

Da esquerda para a direita, João Sampaio, Jonas Pinheiro, Carlo Lovatelli, Roberto Rodrigues e Alysson Paolinelli

Para receber o Prêmio de Personalidade do Agronegócio 2007 a ABAG escolheu um de seus fundadores, Roberto Rodrigues. A apresentação foi feita por Alysson Paolinelli (premiado em 2006). Um filme ilustrou sua crescente trajetória de liderança e relevantes serviços prestados ao cooperativismo e ao agronegócio nacional, desde o início de sua carreira na Cooperativa dos Plantadores de Cana da Zona de

Guariba. Rodrigues presidiu associações de classe, entidades de representação do cooperativismo nacional e internacional, e foi Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. É produtor rural e professor da Unesp/Jaboticabal. Atualmente coordena o Centro de Agronegócios da FGV. O reconhecimento pela intensa dedicação à organização e ao fortalecimento do agronegócio brasileiro.